

O ciclo da comunicação e informação nas ciências sociais

The communication and information cycle in the Social Sciences: the formal system

JUDITH R. SCHLEYER *

Analisam-se as várias fases do ciclo de comunicação e informação nas ciências sociais desde a geração de idéias até a disseminação de informação através de resumos e indexação. Algumas conclusões foram enunciadas no sentido de evidenciar a necessidade de pesquisa, particularmente de pesquisas brasileiras, na área de informação e comunicação.

Vários são os autores que criticam pesquisas e/ou pesquisadores da área de estudos de usuários por não terem treinamento em outras áreas do conhecimento humano ou por não contarem com a colaboração de especialistas de outras áreas. (12) É um dos campos que deveriam merecer maior atenção por parte dos pesquisadores ou pessoas interessadas em estudos de usuários é o dos processos de comunicação. Daí advém nosso interesse em verificar se o ciclo da comunicação e informação na área

* Professora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da UFPB.

de ciências sociais segue um determinado modelo ou, se ao menos, algumas das características desse ciclo podem ser identificadas.

Na impossibilidade de definirmos de forma rigorosa conceitos como comunicação (13) e informação (8) e de delimitarmos as fronteiras do campo das ciências sociais (16) procuramos caracterizar melhor o sentido dessas palavras através da elaboração de um modelo operacional do ciclo de comunicação e informação nas ciências. O modelo elaborado subdivide o ciclo em fases distintas; no entanto, cabe enfatizar que esse fracionamento não corresponde à realidade uma vez que o cotidiano da pesquisa é rico, atípico e pessoal. (15)

GERAÇÃO DE IDÉIAS

Um cientista «seleciona» uma hipótese a ser testada ou um sociólogo investiga um determinado aspecto de sua prática, de seu trabalho: esta seleção e investigação fazem parte de um processo contínuo ou não? Talvez não seja possível analisar a geração de idéias sob o aspecto temporal, mas existe a possibilidade de estudarmos o «como e o que» produz uma idéia. O que motiva um cientista a iniciar uma pesquisa? Como, quando, porque surge a idéia inicial? Quais são as «etapas» que compõem o seu modo ou sua rotina de pesquisa?

Estas perguntas não possuem respostas fáceis; nem muitos tentaram respondê-las. Uma das poucas tentativas em responder este tipo de pergunta na área de ciências sociais, foi realizada pelo Projeto INFROSS. (2) Na realidade, somente um número reduzido de perguntas do questionário, que foi enviado pelo INFROSS para cientistas sociais britânicos, tratava ou era relacionado com as fases de uma pesquisa e, no 5º Relatório do Projeto (3) são analisadas as respostas a essas perguntas. Na análise dessas respostas chegou-se à conclusão de que não existe

FIGURA 1

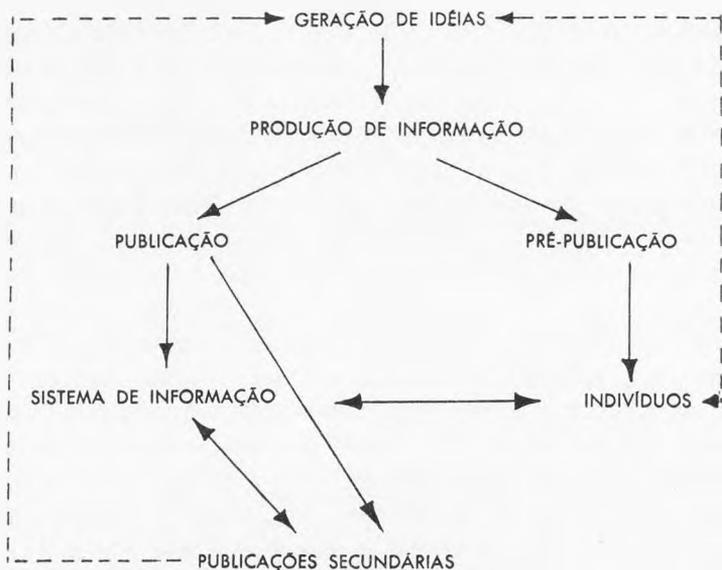


FIGURA 1 — Modelo do ciclo de comunicação e informação nas ciências sociais.

uma ordenação cronológica e que, portanto, as diversas «fases» não existem estanques e isoladas no processo de pesquisa. A exposição constante e ininterrupta a diversos canais de comunicação formal e informal influencia de tal maneira a «rotina» da pesquisa que ela pode ser considerada como um dos fatores que provocam a complexidade e a falta de estruturação coordenada das pesquisas. (3) (Alguns dos respondentes desse questionário foram incapazes de relatar como e porque iniciaram alguma de suas pesquisas). Devido à complexidade desta fase do processo de comunicação é que o comentário de Burns sobre as necessidades de usuários pode ser aplicado ao ciclo da comunicação e informação: «ecléctico e impossível de prever em qualquer momento». (7)

São muitas as áreas que necessitam ser estudadas (por exemplo, processos cognitivos) no entanto, a complexidade do assunto não deixa antever uma imediata obtenção de resultados definitivos. Por outro lado, é fundamental continuarmos a estudar mesmo sabendo que o pesquisador não tenha sempre tomado um passo consciente e deliberado para gerar uma determinada pesquisa. Além disso, não devemos restringir os estudos ao pesquisador, mas pensar também no professor, no profissional, etc. Neste artigo apresentamos dados em geral relativos ao pesquisador, por ter sido sobre este tipo de profissional das ciências sociais que encontramos o maior número de informações. Deve ser aqui lembrado que o fato de nos atermos ao pesquisador não significa que haja diferenças ou semelhanças no comportamento de todos os profissionais da área. As diferenças existem desde o nível individual, de pessoa a pessoa, porém esta complexidade não pode e não deve justificar a lacuna de pesquisa sobre o assunto. Para conhecermos mais detalhadamente os fluxos da informação, os processos de comunicação da informação, necessitamos identificar os padrões ou normas comuns de comportamento, mesmo que só possamos obter uma quantidade limitada de conhecimento a respeito.

Para visualisarmos a complexidade do processo de geração de idéias é suficiente pensarmos em exemplos pessoais: de onde veio a idéia para escrevermos um determinado trabalho de congresso? o que motivou a elaboração de um artigo a ser publicado? Acaso, propósito, planejamento, etc. são alguns dos fatores que podem gerar uma idéia, e não podemos nos esquecer dos fatores da «maçã de Newton». Mas, gratificante para nós, profissionais da informação, foi a descoberta de que «a importância da utilização de literatura é também enfatizada pelo fato de que 75% daqueles que mencionaram utilizar literatura assim o fizeram como o primeiro passo de

sua pesquisa». (3) Após tantas pesquisas que evidenciam o papel preponderante dos canais informais de comunicação da informação, ao menos podemos ter a comprovação que serviços de informação, embora sub-utilizados, são vitais para a existência de pesquisa.

Produção de informação

Uma idéia pode morrer. Os recursos necessários, quer sejam humanos quer sejam financeiros, para a concretização dessa idéia podem não estar disponíveis; ou a instituição, à qual o projeto de pesquisa deveria interessar, rejeitá-los. Várias idéias não passam de idéias, nem chegam a sair da cabeça do indivíduo; outras serão esquecidas ou retomadas mais adiante e algumas serão «ativadas», colocadas em ação. Em geral, quando uma idéia é «ativada», algum resultado ou conclusão será obtido e devido às mais diversas razões (por exemplo, **status**) os resultados serão divulgados. Em outras palavras, uma idéia poderá provocar uma pesquisa que produzirá algum tipo de resultado (negativo ou positivo, conclusivo ou não) que será disseminado de um ou mais modos. Existe, nas ciências sociais, um tempo médio que possa ser calculado, da geração de idéias até a produção da informação? Existem passos ou etapas que possam ser identificados e considerados típicos no processo de comunicação da informação formal nas ciências sociais?

Mesmo sem querer entrar no terreno das definições, a nosso ver, se a informação não for «registrada» (em algum lugar, de alguma maneira, em um determinado momento) e passível de ser comunicada, transferida, transmitida ou obtida, então não há informação. O fato de que milhões de informações estão registradas em algum lugar «esperando» por serem utilizadas não é considerado neste contexto. Illich, citado por Benge, esclarece nosso pensamento: «O mundo não contém nenhuma informação. Ele é o que é. Informação sobre ele é criada no

organismo através da interação com o mundo. Falar sobre o armazenamento da informação fora do corpo humano é cair numa armadilha semântica. Livros ou computadores são parte do mundo. Eles podem fornecer informações quando são vistos. Nós transferimos eficazmente o problema do aprendizado e da cognição para um ponto cego de nossa visão intelectual se confundirmos veículos para informação potencial com a informação em si mesma». (5)

Assim é que tanto informação como comunicação implicam em interação. E para haver essa interação é que os resultados de pesquisa são de alguma forma disseminados. No nosso caso, estaremos lidando somente com a produção arquivável, isto é, pertencente ao sistema formal. Desta forma, chegamos à «fase» seguinte (lembrando que essa ordem cronológica pode não existir na realidade), a fase da pré-publicação e/ou publicação.

Pré-publicação (pre-print) e publicação

Podemos dizer que existe uma tendência inconsciente de considerar-se esta fase como a mais importante devido à sua natureza tangível, o que a torna mais facilmente «investigável». No entanto, existem ainda vários pontos obscuros que são importantes para situarmos esta fase no processo global de comunicação no sistema formal. O que faz um autor escolher um determinado canal de comunicação (livro, artigo de periódico, etc.)? Existem características que podem ser consideradas típicas das ciências sociais? Os cientistas sociais lançam pré-publicações habitualmente? O tempo que decorre, desde o início do projeto até a produção de uma publicação, é em média similar ao de outras disciplinas?

Meadows (14) ao mencionar alguns estudos dentro da área de psicologia sugere que os resultados desses estudos podem ser considerados como representativos da maneira como em geral se injeta informação dentro da

rede científica, ao menos no que concerne aos E.U.A., embora não necessariamente representativo do espaço de tempo que leva para o surgimento de uma publicação em outros ramos da ciência.

Se não levarmos em conta o fator tempo é assim que Meadows (14) esquematicamente sugere o desenvolvimento desse processo: após alguns meses de pesquisa e antes de qualquer tipo de publicação, a pesquisa é disseminada informalmente, por exemplo, em uma reunião local, regional ou nacional. Este poderia ser considerado como um primeiro relatório da pesquisa e, freqüentemente, é neste estágio e devido a demanda por mais dados ou detalhadamente dos dados, que um relatório técnico ou pré-publicação é produzido. Depois surge o manuscrito que é enviado aos periódicos e também a distribuição de pré-prints. Quando o trabalho é publicado a atividade entra em «crescendo» e separatas serão distribuídas. Com o passar do tempo ou, às vezes, entretempos, a referência bibliográfica do trabalho será divulgada por publicações secundárias. Na área de psicologia este trajeto até a apoteose do trabalho segundo Meadows, leva 5 anos.

São muitas as variáveis que interferem na fase de publicação, como por exemplo, a necessidade de um relatório técnico para o órgão financiador ou para o editor ou, ainda, o fato de ser uma tese para obtenção de um título acadêmico. O lapso de tempo desde a fase inicial de geração de idéias até o primeiro pre-print ou artigo de revistas, a escolha do tipo de veículo de publicação são pontos que devem ser analisados. Garvey e outros autores (9) relataram num artigo muito interessante, as diferenças entre cientistas sociais e cientistas físicos nos processos de disseminação e assimilação da informação. Nesse artigo, os autores, enfocaram o processo do fluxo da informação; a organização e eficiência de redes de

informação, e a transferência de informação do campo informal para o formal, chegando à várias conclusões, entre elas: a) que os cientistas físicos chegam à fase de publicação 4 meses antes dos cientistas sociais; b) que os cientistas físicos têm o hábito de produzir um maior número de pré-publicações do que os cientistas sociais; e c) que o grau de rejeição de manuscritos enviados para seleção e posterior publicação é maior na área de ciências sociais e, portanto, pode ser considerado como um dos elos, dentro da estrutura sistêmica do processo de disseminação informacional atual, responsável pelos períodos mais longos encontrados no aparecimento de publicações nas ciências sociais. (9) Em um dos diagramas apresentado no artigo de Garvey, (9) podemos perceber facilmente esta diferença no tempo: o cientista físico, leva cerca de 36 meses, desde o trabalho inicial até a publicação e o cientista social mais de 37 meses (em ambos os casos foram considerados manuscritos rejeitados ao menos uma vez).

O artigo sugere que provavelmente, a natureza eclética das ciências sociais é que contribui para essa situação de falta de coesão na estrutura de comunicação das ciências sociais, imprevisibilidade das seqüências e menor eficiência no processamento da informação. A maleabilidade das ciências sociais e mencionada por vários autores (entre outros, Line (11) e Brittain (6) e a rigidez de outras ciências é logicamente considerada como um fator positivo que contribui para um melhor desenvolvimento dos processos de comunicação e informação. Este é um ponto que pode ser longamente discutido, o da objetividade, neutralidade (hardness) de certas ciências em contraposição com a subjetividade, pessoalidade (softness) de outras ciências. Não vamos nos aprofundar nessa questão, mas é interessante notar que várias críticas similares àquelas relativas às ciências sociais podem ser

encontradas no campo da biologia. (10) Em outras palavras, apesar de todas as críticas do tipo comparativo (ciência objetiva versus ciência subjetiva), podemos dizer que se o status quo da informação e comunicação nas ciências sociais é ainda precário, as ciências chamadas de puras ainda estão longe de uma situação ideal.

INDIVIDUOS

Em nosso diagrama é nesta fase que se encontra representado o sistema informal que, na realidade, deveria estar envolvendo e permeando todas as fases do modelo, pois congressos, reuniões, cartas, telefonemas, etc., são atividades que influenciam de várias maneiras o ciclo da comunicação e informação e podem ocorrer a qualquer momento. Apesar de, no presente artigo, nos concentrarmos no sistema formal, não podemos deixar de lado o sistema informal. A importância dos canais informais é reafirmada em quase todos os trabalhos que tratam de fluxo da informação, de características de usuários, etc. os quais de uma maneira ou de outra evidenciam que muitas das informações que fluem de um pesquisador a outro o fazem através de canais informais de comunicação. Contudo, não é muito o que sabemos a respeito da utilização desses canais, talvez devido ao fato de serem mais flexíveis e menos estruturados do que os canais formais.

Em relação ao uso de canais informais por cientistas sociais, é interessante observar que o Projeto INFROSS (2) dá a entender que reuniões, congressos e conferências aparentemente não são muito usados como canais informais, embora vários estudos de usuários, particularmente nas ciências físicas, enfatizem a importância desses congressos e similares na troca informal de informações.

Um outro ponto interessante neste contexto é que os cientistas sociais enviam com frequência seus pre-

prints na esperança de receber sugestões para melhorar seus trabalhos; e, se levamos em consideração as características do processo editorial mencionado anteriormente, como, por exemplo, o grau maior de rejeição de manuscritos, verificamos sem dificuldade o quanto e como cada etapa ou passo afeta o ciclo da comunicação.

SISTEMA DE INFORMAÇÕES

Um cientista social ao iniciar uma pesquisa realiza uma pesquisa bibliográfica? Existem formas físicas (livro, áudio-visual, etc.) que ele prefere utilizar? Ele se apóia fortemente em serviços de informação (bibliotecas, base de dados, etc.)?

Embora não queiramos entrar no mérito das diferenças que possam existir entre diferentes áreas do conhecimento humano, parece-nos que não há como se chegar a conclusões sem uma abordagem comparativa, isto é, mais ou menos usados nas ciências naturais ou diferenças existentes entre disciplinas como psicologia e sociologia. E essa análise comparativa é afetada pelo fato de que algumas disciplinas ou áreas do conhecimento humano foram mais estudadas (como psicologia ou educação) e outras (como antropologia ou ciência política) o foram menos.

No que concerne à utilização dos canais de comunicação, de acordo com Brittain (6), os profissionais do serviço social fazem pouco uso de um pequeno número de canais formais de comunicação e utilizam ainda menos os canais informais disponíveis. Quanto aos cientistas sociais, segundo o Projeto INFROSS, «57% dos respondentes utilizaram documentos não publicados, 69% utilizaram documentos publicados e 46% utilizaram dados oriundos de observações ou experimentos». (2) Eles também chegaram à conclusão de que existem diferenças entre as disciplinas na freqüência de uso de determina-

das formas físicas mas que os meios impressos são bastante utilizados, enquanto que as modernas formas físicas são bem menos utilizadas e sua utilização é restrita a certas disciplinas. O projeto INFROSS deixou bem claro que a literatura primária e secundária constituem uma grande «porção» do sistema de comunicação formal nas ciências sociais.

PUBLICAÇÕES PRIMÁRIAS

Brittain, (6) em 1970, escreveu que não existe um quadro preciso e claro do crescimento da literatura nas ciências sociais, embora mais atenção tenha sido devotada para algumas disciplinas específicas, como a psicologia e a economia. Não pairam dúvidas sobre o crescimento tanto de publicações primárias como de secundárias, porém o quadro ainda não está claro. Em 1975 o relatório DISSIS (Design of Information Systems in the Social Sciences) demonstrou que «embora a produção de periódicos de ciências sociais venha crescendo exponencialmente desde 1880, o crescimento da literatura monográfica, analisado com base em evidências mais limitadas, não é sempre de crescimento acelerado, embora haja evidências de crescimento acelerado e exponencial em determinadas áreas de especialização e em determinados países». (4) Este relatório recomenda a criação de um banco de dados sobre parâmetros estatísticos básicos da literatura pois, como Brittain (6) também já havia sugerido, mais pesquisas sobre os parâmetros de crescimento da literatura são ainda necessárias.

Alguns pontos interessantes podem ser extraídos do texto de Brittain (6): a) em algumas áreas (sociologia, economia, história, ciência política) o ritmo de obsolescência da literatura não é tão acentuado como nas ciências naturais; no entanto, em áreas experimentais o ritmo de obsolescência está mais próximo do das ciências na-

turais; b) uma grande parcela das citações é relativa a livros e não a periódicos, ao menos na área de sociologia. Brittain chama também nossa atenção para o fato de que certos tipos de dados utilizados nas ciências sociais não têm similar nas ciências naturais, como: arquivos históricos, dados institucionais, etc. Brittain chega mesmo a distinguir as ciências sociais de outras ciências pois aquelas podem extrair e utilizar dados brutos de toda espécie. O Projeto INFROSS (3) enfatiza, o que é considerado válido nas ciências sociais, a re-utilização de dados coletados por outros profissionais. (Schwartzman comenta o fracasso de bancos criados com esse objetivo e assim podemos dizer que a re-utilização de dados pode ser considerada válida, mas nem sempre executada. (17)

Se esses fatos, como livros serem mais citados (em certas disciplinas) e a variedade de tipos de dados são verdadeiros, poderão talvez esclarecer, ao menos em parte, porque a literatura secundária tem sido pouco utilizada tomando-se como base sua clientela potencial. Podemos também ser levados a adotar uma abordagem diferente no que concerne à geração e uso da informação para obtermos um modelo diverso do ciclo de comunicação e informação nas ciências sociais. Porém, como ainda existem muitas lacunas, não temos condições de apreender as causas de muitos dos aparentemente diferentes aspectos de comunicação pois, é possível que o grau maior de rejeição de manuscritos nas ciências sociais seja o fator que faça a escolha recair em livros que podem, portanto, ser considerados como um canal alternativo e não como um canal preferencial.

Os dados apresentados até aqui poderiam nos levar à conclusão precipitada de que as diferenças entre disciplinas são, em muitos casos, marcantes e determinantes. No entanto, o próprio Projeto INFROSS (2) nos informa que as diferenças que foram identificadas entre as prin-

cipais disciplinas foram pequenas se comparadas com aquelas entre pesquisadores e profissionais e entre pesquisadores «puros» e pesquisadores «aplicados», o que serve de apoio para o pressuposto de Wilson que considera como agente diferenciador, no comportamento do usuário, não a área de especialização, mas sim o papel que o usuário cumpre na instituição à qual está ligado. (18)

Um padrão de comportamento identificado pelo Projeto INFROSS (2) parece ter ficado acima de qualquer dúvida: não há indícios de que inatividade na utilização de um canal de comunicação seja compensada por intensa atividade na utilização de um outro canal. Se existe a necessidade de treinamento, se é causado por falta de motivação ou se os agentes responsáveis por esse padrão de comportamento são características peculiares às ciências sociais, isto ainda não ficou estabelecido. Em outras palavras, mais pesquisas são necessárias para podermos estar seguros de alguma coisa.

PUBLICAÇÕES SECUNDARIAS

Há muita duplicação ou dispersão na cobertura dada a literatura pelas publicações secundárias? Qual o tempo que uma obra leva em média para ser mencionada em um abstract? Como os cientistas sociais se utilizam das fontes secundárias?

O Projeto INFROSS critica o comportamento de recuperação da informação dos cientistas sociais, considerando-o frequentemente inadequado e amadorístico por dar ênfase à localização de informação por meio de referência contidas em livros ou artigos (follow up references). De acordo com Meadows (4) este não é um «privilegio» das ciências sociais; físicos e químicos também colocaram em primeiro lugar a obtenção de referências através de citações em artigos relevantes. O Projeto INFROSS (2) admite que o sistema formal é em boa parte

responsável por este tipo de comportamento inadequado e que, portanto, mudanças deveriam ser introduzidas no sistema. Esta preocupação em mudar é devida ao fato de que as publicações secundárias não têm sido utilizadas pela população de usuários em potencial. Com tantos indícios sobre a preferência de outros métodos de recuperação da informação que não os tradicionalmente recomendados pelos responsáveis pelo sistema formal de informação, é insensata a sugestão de se modificar o sistema. Mas o tipo de mudanças a ser introduzido talvez devesse ser revolucionário, ou melhor, apresentar uma visão «ergonômica» como solução, compatível com o que tem sido o método preferencial.

Segundo o Projeto INFROSS, (2) o usuário é prejudicado pelo grande número de serviços de indexação e resumos atualmente disponíveis e que apresentam uma alta proporção de superposição em algumas áreas, e grandes lacunas em outras. (É interessante mencionar aqui a psicologia, considerada como uma das disciplinas mais próximas das ciências denominadas puras, parece ser a disciplina mais bem servida de obras secundárias.) Com tanta superposição e lacuna, não surpreende que tenham chegado à conclusão de que somente 65% da amostra utilizam um serviço de indexação e resumo. No entanto, não podemos criticar ou avaliar esses serviços pois ainda nos faltam os parâmetros sobre esse tipo de literatura que, como já mencionamos, são insatisfatórios ou inexistentes, além de desconhecermos os componentes psicológicos da utilização dessas fontes.

A problemática relativa às publicações secundárias não se limita à utilização das mesmas, mas abrange, também, a sua elaboração devido à natureza eclética da terminologia nas ciências sociais. Essa característica da terminologia é considerada também como responsável, ao menos em parte, pela dificuldade em se determinar se uma

pesquisa é cópia de outra e, mesmo para diminuir o peso das «sanções em decorrência de ignorância». Em outras palavras, um pesquisador das ciências sociais não é tão criticado como um pesquisador de outra área por não conhecer outras pesquisas ou trabalhos que poderiam modificar ou influenciar os resultados de seu trabalho.

CONCLUSÃO

Não nos foi possível apresentar um quadro global do ciclo da comunicação e informação nas ciências sociais devido ao número reduzido de pesquisas realizadas nessa área. Assim sendo torna-se fácil concluir que existe uma necessidade premente de pesquisa, particularmente de pesquisas brasileiras, para que possamos comparar o comportamento de usuários brasileiros com o de seus congêneres no estrangeiro. No que concerne a cientistas sociais brasileiros não conseguimos localizar na literatura nacional nenhuma pesquisa relativa à comunicação e informação, apesar de termos obtido informações relativas a profissionais da área tecnológica e de outras ciências, (1) provavelmente um reflexo tanto da ênfase dada a essas áreas pela política governamental brasileira quanto da influência de pesquisas estrangeiras que apresentam também uma proporção bem mais alta de pesquisas na área de informação tecnológica e científica. Na realidade, são várias as razões e causas das lacunas existentes nessa área de pesquisa, no entanto, não nos detemos em analisá-las (apesar de merecerem um estudo aprofundado).

Não podemos apresentar um quadro global, mas, ao menos, podemos mencionar alguns dados ou eventuais características do ciclo de comunicação e informação, uma vez que o número reduzido de pesquisas proporciona a possibilidade de que outras posteriores venham tanto ratificar como anular os resultados que foram coletados.

- a) Os canais informais de comunicação, mais uma vez, são considerados como responsáveis por uma boa parcela do fluxo informacional. Esta conclusão está fora do escopo do sistema formal porém sua influência nesse sistema é por demais importante para que deixemos de registrá-la;
- b) pesquisar não é uma atividade metódica e ordeira. Não há dúvida de que esta conclusão é vital quando pensamos em elaborar um modelo teórico do ciclo de comunicação e informação ou projetos de pesquisa e de serviços de informação para pesquisadores;
- c) nas ciências sociais, os tipos de dados brutos que podem ser utilizados em pesquisas diferem do de outras ciências. Livros são mais utilizados do que periódicos. Esses dados brutos são, muitas vezes, de difícil recuperação através de serviços tradicionais da informação, o mesmo se dando com os livros;
- d) a literatura primária e a secundária continuam a crescer apesar de que seus índices de crescimento ainda não foram satisfatoriamente estabelecidos. A falta de parâmetros sobre a literatura, por sua vez, dificulta a avaliação qualitativa tanto da literatura primária como das secundárias;
- e) os cientistas sociais, geralmente, preferem localizar referências através de citações em obras ao invés de recorrer a serviços de resumos e indexação. Parcialmente, podemos inferir que esta conclusão advém do fato de que eles se utilizam de fontes de informação (materiais brutos e livros) que não são exaustivamente tratadas pelas obras de referência tradicionais;

- f) o fato de a terminologia ser maleável e flexível facilita a existência de lacunas e duplicação na cobertura de informações por serviços de indexação e resumo. A interdisciplinariedade das ciências favorece a dispersão da literatura, e se acrescentamos a problemática da terminologia, torna-se compreensível a insatisfação que podemos observar nos usuários dos sistemas formais de recuperação da informação, enfatizando a veracidade da conclusão precedente;
- g) a média de tempo desde a geração de uma idéia até sua disseminação no sistema formal é, em geral, maior nas ciências sociais do que em outras áreas, o que em parte pode ser explicado pelo grau mais alto de rejeição de manuscritos, que por sua vez pode provocar a preferência dos cientistas sociais por livros;
- h) as diferenças observadas entre as várias disciplinas das ciências sociais foram menores do que as diferenças encontradas entre pesquisadores e profissionais. Esta conclusão parece apoiar a teoria de que o fator determinante de certos aspectos do comportamento do usuário é a função que este desempenha em sua vida profissional.

From the generation of ideas up to the dissemination of information by means of abstracting and indexing services, the various phases of the communication and information cycle in the social sciences are analysed. Some conclusions aiming to stress the need for more research, particularly Brazilian research in the field of information and communication, were presented.

BIBLIOGRAFIA

1. ARAÚJO, V. M. R. H. de. **Estudo dos canais informais de comunicação técnica**... Rio de Janeiro, 1978, 140p. (Tese de Mestrado).
2. BATH UNIVERSITY LIBRARY. **Information requirements of researchers in the social sciences**. Bath, University Library, 1971. (Investigation into information requirements of the social sciences Research report, no. 1).
3. BATH UNIVERSITY LIBRARY. **The research procedures of social scientists**. Bath, University Library, 1971. (Investigation into information requirements of the social sciences. Research report, no. 5).
4. BATH UNIVERSITY LIBRARY **Size, growth and composition of social science literature**. Bath, University Library, 1975. (Design of information systems in the social sciences. Research report series A, no. 2).
5. BENGE, R. **Cultural crisis and libraries in the Third World**. London, Clive Bingley, 1979.
6. BRITAIN, J. M. **Information and its users: a review with special reference to the social sciences**. Bath, University Press, 1970.
7. BURNS Jr., Library use as as performance measure, its background and rationale. **Journal of Academic Librarianship**, 4(1):4-11
8. FAIBISOFF, S. G. & ELY, D. P. Information and information needs. **Information Reports and Bibliographies**, 5:2-16, 1976.
9. GARVEY, W. D. et alii. Communication in the physical and the social sciences. **Science**, 170:1166-73, dec. 1970.
10. HATTERY, L. H. **Information and communication in biological sciences**. The American University, 1961.
11. LINE, M. B. The information uses and needs social scientists: on overview of INFROSS. **ASLIB Proceedings**, 23(8): 412-34, 1971.

12. LINE, M. B. Planejamento de sistemas de informação para seres humanos. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, 7(1):27-58, mar. 1978.
13. MCGARRY, K. J. *Communication, knowledge the librarian*, London, Clive Bingley, 1975.
14. MEADOWS, A. J. *Communication in science*. London, Butterworths, 1974
15. NUNES, E. de O., ed. *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
16. OLIVEIRA, I. E. de. *Introdução aos estudos sociais*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1973.
17. SCHWARTZMAN, S. Brain-drain: pesquisa multinacional. In NUNES E. de O., ed. *Aventura sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
18. WILSON, T. A. & STREATFIELD, D. R. Information needs in local authority social service departments: an interim report on Project INISS. *Journal of Documentation*, 33(4):277-93, 1977.